

humanitas

Vol. LVII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. LVII • MMV



Fl. 265v-269v *Pro Ignatii celebritate Declamatio. / Notior foret orbi Ignatius si nomen suum / Societati suae imponderet.*

Autor: **António da Silva.**

À margem: *Ir. Ant^o da Sylua, in 4^o.*

Incipit: *Et loci huius auctoritas addicendum* [em prosa].

Fl. 269v-274v *Pro D. Ignatii celebritate / Declamatio. / Maior Ignatio fama ex Iesus nomine Societati / suae indito contigit, quam ex suo, si imponderet, contigisset.*

Autor: anónimo.

Incipit: *Loiolae titulos, et non sua stemmata; famae* [em hexâmetros dactílicos].

Fl. 274v *Pro D. Ignatii celebritate. Problema* [em letra posterior e diferente da do título da *Oratio*, que vem depois, em parte rasurado:] / *An maior ad Ignatii gloriam, laudum* [rasura] *accedat ex* [longa rasura] *rebus gestis in occidente, an in Oriente?* / [A seguir, em letra igual à da primeira parte:] *Pro Occidente declamatio.*

Autor: **João Álvares.**

À margem: *I. João Alurz.*

Incipit: *Non odio, aut amaris oratoriae licentiae stimulis agitatus* [em prosa].

Nota: É apenas o começo de uma *Oratio*, cujo texto restante deveria figurar nas páginas seguintes, pelo menos nas p. 275r-275v, que estão em branco.

Fl. 275r-275v Páginas brancas.

Fl. 276r-284v *DIVAE / Elisabethae Lusitaniae Reginae, / templum recens erectum / votum / non pro uictoria, sed pro concordia / nuncupatum. / Dixit P. Emmanuel d'Andrade Anno Dñi / 1653.*

Autor: **Manuel d'Andrade.**

Incipit: *Hodiernum pro nostris argumentum non orando, sed exorando* [em prosa].

Fl. 285r-292v *Oratio panegyrica pro Elisabetha S^a. / Habita à P. Joanne d'Almeyda.*

Autor: **João d'Almeida.**

Incipit: *Nollem, quod uereor* (*Illustrissime D. Rector Acad. Amplissime...*) [em prosa].

EPOPEIA NOVILATINA E HAGIOGRAFIA ALGUNS EXEMPLOS EM PORTUGAL

CARLOTA MIRANDA URBANO
Universidade de Coimbra

Abstract: As an attempt at breaking a new ground in Neolatin poetry studies, the article firstly shows how *hagiography* and the epic genre are related. The complexity and many-sided shape of the hagiographic genre are pointed out. Next, the A. demonstrates how Neolatin epic hagiographic poetry, a branch of the literary movement known as *Humanism*, also became a consistent vehicle of Catholic apologetics. Finally, the A. introduces three Neolatin poems, written by Portuguese humanists according to the literary canons of the hagiographic epic genre.

1. Hagiografia e género épico

Há algumas décadas a esta parte, a literatura hagiográfica tem vindo progressivamente a deixar de ser objecto exclusivo da historiografia eclesiástica, ciência empenhada no estudo crítico e histórico das fontes hagiográficas. Reconhecida a complexidade do texto hagiográfico, documento essencial para o estudo da figura do santo ou do fenómeno da santidade no mundo cristão, as mais variadas disciplinas de âmbito teológico, sociológico, antropológico e artístico se têm debruçado sobre a literatura hagiográfica que, na expressão de Gennaro Luongo se tornou um 'observatório privilegiado' da vasta e complexa realidade histórica e social.¹

¹ Vd. LUONGO, Gennaro, "Presentazione", *Scrivere di Santi. Atti del Convegno di Studio dell' Associazione italiana per lo studio della santità, dei culti e*

Os mais recentes encontros interdisciplinares reunidos em torno da hagiografia têm relevado precisamente, a par da especificidade do texto hagiográfico sempre religioso e de carácter celebrativo e edificante, a sua plurifacetada polivalência. Mesmo naquela especificidade, isto é, naquele seu carácter religioso, celebrativo e edificante, o texto hagiográfico assume ao longo da história diversas formas e conteúdos, reflectindo de modo activo (e potenciando) mudanças de mentalidade, de valores morais e estéticos, de sentimentos religiosos, etc...

Mesmo apenas do ponto de vista dos estudos literários, a hagiografia oferece aos investigadores uma multiplicidade de géneros, do mais puro ao mais híbrido. Nascida sob duas grandes influências, a da literatura bíblica, por um lado, e a da literatura clássica—sobretudo no género biográfico—por outro, a literatura hagiográfica cristã concretizou ao longo dos séculos as mais diversas manifestações, desde os relatos mais simples e espontâneos aos mais fantásticos e elaborados. Os *Acta Martyrum* com os seus diálogos de pendor dramático, as *passiones* com as suas narrativas carregadas de emotividade, as Cartas, darão lugar às *Vitae* recheadas de *miracula*, aos Hinos de elaborada expressão poética, aos poemas épicos, ao romance, etc...

Do ponto de vista estritamente formal, os primeiros poemas épicos da hagiografia são paráfrases poéticas daquelas *Vitae* escritas em prosa, tradição inaugurada por Paulino de Péligréux que no séc. V escreveu em verso épico a Vida de S. Martinho já antes redigida na prosa de Sulpício Severo. No entanto, não podemos deixar de referir aqui os poetas épicos cristãos dos séc. IV a VI que viriam a ter franca popularidade no Renascimento e de cujas obras nasceram algumas das reflexões teóricas sobre poética, que se prolongaram pela Idade Média. Foram eles realmente os

dell'agiografia, Viella, Roma, 1998. Cfr. p 7. Vale a pena observar o teor dos encontros multidisciplinares daquela associação, a 'Associazione italiana per lo studio della santità, dei culti e dell'agiografia' que reúnem investigadores da História, da Teologia, da Filosofia, da Sociologia, da Antropologia, da Psicologia, do Direito, da Literatura, da Filologia, etc... O âmbito histórico do objecto das suas investigações é sobretudo cristão, das origens ao séc. XX, mas considerado nas suas relações com as civilizações 'limítrofes', quer no sentido cronológico quer no sentido cultural desta designação: as civilizações hebraica, grega, romana, germânica, muçulmana, ameríndia, asiática, etc...

pioneiros da poesia épica latina cristã, e as suas obras estão entre as mais antigas expressões poéticas do cristianismo nascente.²

Para uma melhor compreensão da tradição literária europeia não podemos, pois, ignorar a existência deste legado actuante ao longo da Idade Média e do Renascimento. Importa ultrapassar o já vencido preconceito que o estudava com o objectivo de demonstrar a decadência literária da antiguidade tardia. Rotuladas de híbridas e de artificiais³, as epopeias bíblicas dos séc. IV a VI devem ser conhecidas e estudadas pelo seu valor intrínseco, tarefa para que contribuíram com mérito os inovadores trabalhos da década de oitenta no séc. XX, os estudos de Michael Roberts e de Carl Springer, respectivamente *Biblical Epic and Rhetorical Paraphrase in Late Antiquity*,⁴ e *The Gospel as epic in late antiquity—The Paschale Carmen of Sedulius*.⁵

Como demonstram estes estudos, Virgílio e a sua epopeia constituem para aqueles poetas uma referência literária fundamental mas natu-

² Excederia este estudo a referência aos centões, primeiras tentativas de aplicar a forma pagã ao conteúdo cristão. Um dos mais famosos centões é o que ficou conhecido pelo título latino (embora escrito em grego) *Christus Patiens*, em 2640 trimetros iâmbicos, de S. Gregório de Nazianzo. Como o próprio autor afirma no prólogo, esta tragédia sobre a paixão de Cristo pretende emular Eurípides.

³ Cfr. CURTIUS, E.R, op. cit., II, p 653: "La epopeya bíblica fué siempre un género híbrido y de suio inauténtico, un *Genre faux*. La Salvación cristiana, tal como la presenta la Biblia, no tolera una forma pseudo-antigua; esta no sólo la priva de su configuración vigorosa, unica, autoritativa, sino que, además, él género clásico adoptado y las sus convenciones verbales y métricas la falsifican."

⁴ ROBERTS, Michael, *Biblical Epic and Rhetorical Paraphrase in Late Antiquity*, Liverpool, Francis Cairns, 1985. Neste estudo Roberts traz à discussão a antiga questão da génese destas obras no exercício literário da paráfrase a que os autores destes textos estavam muito habituados, graças à sua educação tradicional. Esta obra é a edição revista e ampliada da sua tese de doutoramento apresentada à Universidade de Illinois em 1978: *The Hexameter Paraphrase in Late Antiquity: Origins and Applications to Biblical Texts*.

⁵ SPRINGER, Carl, *The Gospel as epic in late antiquity— The Paschale Carmen of Sedulius* Supplements to *Virgilianae Christianae*, New York, 1988. Neste estudo o autor procede a uma cuidadosa apresentação do ponto em que se encontram os estudos da epopeia bíblica dos séc IV a VI em geral e da história da crítica do poema de Sedúlio em particular.

ralmente a matéria bíblica e a atitude do poeta crente, que frequentemente se reveste do exegeta, influenciam forçosamente o aspecto formal e material das suas obras. Nelas encontramos novas figuras e imagens poéticas, ou a intromissão mais frequente do discurso do narrador, empenhado na transmissão de uma mensagem religiosa, uma vez que a natureza cristã do conteúdo da epopeia bíblica e a condição igualmente cristã do poeta afectam necessariamente o resultado final da obra literária.⁶

Daqueles primeiros humanistas cuja obra chegou aos nossos dias, destacam-se pela aura de popularidade e influência na Idade Média e no Renascimento Juvenco, com o *Euangeliorum libri quattuor* (c. 329-330), Sedúlio, autor do *Paschale Carmen* (425-450), Arator, com o *De actibus apostolorum* ou *Historia Apostolica* (544) e Avito, autor do poema *De spiritalis historiae gestis* (500).⁷

Entre estes, Sedúlio é um dos mais citados no Renascimento. A comprovar a divulgação do seu *Paschale Carmen* temos, não só as citações e

⁶ "It would, in fact, be a mistake to assume that the change in content does not affect formal aspects of Sedulius' Christian content in an old pagan form. After all, the Gospels have their own stile, their own narrative technique, their own set of familiar images, and Sedulius is as much a fifth-century evangelist as he is an epic poet in the tradition of Virgil." De imediato Springer apresenta três aspectos especificamente cristãos, traços distintivos do seu novo conteúdo, que afectam formalmente o poema de Sedúlio: "the poem's exegetical quality, the poets' persona as expressed in narrative intrusions, and the imagery of the Paschale Carmen." Cfr. SPRINGER, op. cit. p 84. Acerca da influência do modelo virgiliano, por um lado, e das consequências da natureza cristã do poema, por outro, no poema de Sedúlio vejam-se especialmente as pp 76 a 95.

⁷ O poema de Juvenco, *Euangeliorum libri quattuor* tem 3190 versos e retira todo o seu conteúdo dos Evangelhos; o poema de Arator, *De actibus Apostolorum*, dedicado ao Papa Vigílio, foi declamado em 544 na Igreja de S. Pedro *In vinculis*, divide-se em dois cantos (2326 versos) consagrados, o primeiro a S. Pedro e o segundo a S. Paulo, e faz o relato e a exegese dos *Actos dos Apóstolos*; a epopeia de Avito, *De spiritalis historiae gestis* (2552 versos) dá expressão poética às passagens bíblicas da criação, pecado do homem, a expulsão do paraíso, o dilúvio e o êxodo do Egipto, terminando com uma reflexão sobre a virgindade cristã. Em artigo da Enciclopédia Luso Brasileira este último aparece ainda associado ao 'artificialismo decadente da literatura da época'. Cfr. MATTOSO, José, *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 3, p 183.

apreciações que dele fazem humanistas (escritores e editores) como Aldo Manuzio,⁸ Martinho Lutero,⁹ John Colet¹⁰ e Jorge Fabrício,¹¹ mas também as cerca de trinta edições que o poema conheceu entre 1501 e 1588.¹² Durante todo o séc XVI, o poema de Sedúlio fez parte dos textos escolares, tal como as epopeias bíblicas de Juvenco e Arator. A comprovar a sua utilidade pedagógica temos alguns prefácios das várias edições quinhentistas do *Paschale Carmen* que insistem na sua adequação a fins didácticos.¹³

Para além destes, outros nomes da poesia cristã, como Prudêncio, S. Paulino de Nola, constituíram, sem dúvida, para os nossos poetas de quinhentos e seiscentos, fontes literárias que não podemos ignorar se quisermos estudar a produção épica novilatina de tema hagiográfico. O poema épico de Arator, por exemplo, mereceu do humanismo português de quinhentos a atenção de Aires Barbosa que o editou e comentou em

⁸ Este impressor confere destaque a Sedúlio na edição da colecção *Poetae christiani ueteres* (1501-1504). Não esqueçamos ainda que esta edição tinha fins essencialmente didácticos, como o editor afirma (Cfr. SPRINGER, *The Gospel*, op. cit. p 136-7) o que também nos dá uma ideia da divulgação que alcançou. Os exemplares destas edições, não só de Sedúlio, mas também de Juvenco, bem como dos três poetas num mesmo volume (Arator, Juvenco e Sedúlio) existentes nas nossas bibliotecas (quer na BN, quer na BGU) atestam a sua divulgação no meio humanista português.

⁹ No *De Divinitate et humanitate Christi*. Citação de SPRINGER, *The Gospel*, op. cit. p 136.

¹⁰ Este humanista inglês (1467?-1519) inclui o estudo de Sedúlio ao lado de Lactância, Prudêncio e Juvenco nos estatutos do Colégio de S. Paulo em Londres. Cfr. *ibidem*, p 137, nota 45.

¹¹ Também este humanista influente na orientação do ensino incluiu Sedúlio na sua divulgada colecção *Poetarum ueterum ecclesiasticorum opera christiana et operum reliquiae ac fragmenta* (1562). Cfr. *Ibidem* p 137.

¹² Cfr. SPRINGER, *The Gospel*...op. cit. p 1.

¹³ Veja-se a título de exemplo um excerto do poema-prefácio a uma edição do *Paschale Carmen* comentada por António de Nebrija (Toledo, 1520): "Haec legite o iuuenes diuini carmina uatis:/ haec uersate pia nocte dieque manu./ Non hic monstra canit priscis conficta poetis:/ non hic centauros oedipodasue leges./ Vera salutiferi narrat monumenta tonantis:/ et sacrum e sancto defluit ore melos." Cfr. SPRINGER, C., op. cit. p 137 n. 47.

1516.¹⁴ Na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra encontramos edições quinhentistas da obra de Sedúlio, de Juvenco e de Arator e edições já de seiscentos, da obra de S. Paulino de Nola. Estes primeiros humanistas, formados nos bancos da escola de cultura clássica, na sua tentativa de conciliar no plano cultural cristianismo e paganismo, de oferecer a essa nova cultura nascente uma expressão poética de elevado valor artístico, estabeleceram para os seus sucessores um determinado horizonte de expectativas em relação ao qual as epopeias bíblicas e hagiográficas posteriores, epopeias religiosas, enfim, se viriam a definir.

2. Épica hagiográfica no Renascimento

No conjunto das manifestações literárias do humanismo renascentista, a poesia épica hagiográfica não é um género literário à parte ou fechado em si mesmo, circunscrito a um determinado grupo, marginal ou alheado dos novos ideais estéticos. Pelo contrário, a poesia hagiográfica novilatina, de um modo geral, e não apenas a épica em particular, esteve por dentro dos movimentos de renovação literária e participou plenamente na difusão do humanismo. Tal como nas outras áreas, também aqui o renascimento italiano teve um papel de relevo. Os primeiros poemas hagiográficos dos humanistas italianos foram editados e reeditados na sua maioria fora da Itália, proporcionando assim o alargamento do seu leque de influência.

Ainda em meados do séc. XV, um poema épico esboçado na imitação de Virgílio, narrando a vida de Jesus sobretudo na sua dimensão humana,¹⁵ *Iesueide* (1445), do médico de Pádua, Girolamo della Valli, foi

¹⁴ *Aractoris Cardinalis Historia Apostolica / cum cōmentariis Aarii Barbosae Lusitani, Salamanca, 1516*. A provar a actual inflexão no movimento desta tendência de ignorar os poetas cristãos temos o exemplo da recentemente apresentada dissertação de mestrado: CORREIA, Carlos Joaquim Vieira, *Comentário de Aires Barbosa à História Apostolica de Arator (Setima oitava e decima secções do Livro I)*, Coimbra, 2003, dissertação de mestrado apresentada à Universidade de Coimbra sob a orientação de Sebastião Tavares de PINHO.

¹⁵ Na medida em que apresenta sobretudo a dimensão humana do herói Jesus Cristo, afasta-se de Sedúlio nesta perspectiva. O poeta do séc. V não podia deixar de apresentar um herói predominantemente divino sem qualquer anúncio

editado dez vezes, sempre fora de Itália. Exemplo mais célebre é João Baptista Spagnoli, ou o Mantuano, o 'virgílio cristão'¹⁶ como o designou Erasmo. No momento da sua morte, havia já 284 edições da sua obra cuja circulação se pode considerar mais europeia que italiana.¹⁷ A sua influência entre os humanistas portugueses foi já assinalada por Sebastião Tavares de Pinho.¹⁸ Também a poesia hagiográfica de Maffeo Vegio foi primeiro publicada fora da Itália e só depois neste país. Mas considerando a poesia de tema bíblico teremos que referir a popularidade e influência de muitos outros autores humanistas de entre os quais se destacam Jerónimo Vida, com a composição do *Christiados* (1535) e Jaccoppo Sannazzaro, com o *De Partu Virginis* (1521) e que foram bastante populares e influentes entre nós, sobretudo nos meios escolares, nomeadamente o da Companhia de Jesus.¹⁹

de fragilidade. É a figura que vemos representada nos magníficos mosaicos da mesma época: Jesus na atitude do *pantocrator* representado como um imperador, normalmente sentado ao lado da Rainha dos Céus.

¹⁶ Na definição de Erasmo em carta datada (Paris, 7 de Novembro de 1496) dirigida a Henri de Berghes, como recorda S. T. PINHO, "Baptista Mantuano na literatura do século XVI em Portugal", *Humanitas* 41-42 (1989-1990) 3-29. Cfr. p. 26.

¹⁷ Cfr. CHIESA, Mario, "Agiografia nel Rinascimento: esplorazioni tra i poemi dei secoli XV e XVI", *Scrivere di santi*, Atti del II Convegno di studio ..., Viella, Roma, 1998, 205-224, cfr. p. 206.

¹⁸ Portugal não foi alheio ao prestígio, ainda que controverso, deste humanista, como o demonstrou Sebastião Tavares de Pinho no estudo que dedica à sua presença em autores como Azpilcueta Navarro, Lopo Serrão e Amador Arrais. Sobre a influência de Baptista Mantuano no humanismo português veja-se PINHO, S. T. "Baptista Mantuano..." op. cit. Veja-se ainda PINHO, Sebastião Tavares de, *O poema da Velhice de Lopo Serrão*, introdução, texto e aparato crítico, tradução e notas, Coimbra, 1987. Vd pp 214-220. O autor mostra como Lopo Serrão parafraseou no dístico elegíaco do *De Senectute*, hexâmetros da *Partenice Mariana* e das *Partenices* II, IV e V, em honra de St. Catarina, St. Ágata e St. Luzia. Também D. frei Amador Arrais, sobretudo para elogiar a paciência dos mártires, recorre aos hexâmetros das *Partenices* de Mantuano. Vd. ARRAIS, Amador, *Diálogos*, intr. e revisão de M. Lopes de ALMEIDA, Tesouros da Literatura e da História, Porto, 1974, Cfr. p. ex. "Dialogo Septimo", cap. III, p. 407.

¹⁹ Cfr. RODRIGUES, Francisco, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, Porto, 1938, 2, I, p. 59.

Nos séc. XV a XVII, a hagiografia conheceu especial fulgor literário e foi tema dos mais elevados géneros poéticos, da poesia trágica à épica, com especial preferência por esta última. Graças ao prestígio da poesia épica, considerada de entre todos os modelos poéticos o que emprestava mais dignidade aos temas e significava a consagração do poeta, graças ainda ao prestígio paradigmático da antiguidade quer pagã, como modelo de perfeição literária, quer cristã, como modelo de perfeição espiritual, a forma épica seria a expressão privilegiada neste período para celebrar dignamente a memória dos santos, propostos como *exemplum ad imitandum* a um público culto e devoto.

Vejamos o que afirmava o famoso mestre de retórica do Colégio das Artes, o P. Francisco de Mendoza, numa oração em louvor de S. Francisco Xavier:

“Os exemplos dos santos são verdadeiros monumentos que jamais hão-de sofrer o esquecimento das suas palavras, a morte dos seus feitos, o desaparecer da sua memória. Não morre aquele que viveu na virtude, não sucumbe, aquele que se eleva pela nobreza das suas obras, não cai nas trevas do esquecimento aquele que resplandece pela luz do seu ensinamento singular.”²⁰

Estas mesmas palavras, poderíamos, sem qualquer estranheza, ouvi-las a propósito do herói de uma epopeia clássica. Na verdade, o contacto com as epopeias do humanismo renascentista permite-nos constatar um evidente cruzamento entre heroísmo e santidade que caracteriza os séc. XVI e XVII da cultura ocidental.²¹ Por um lado, deparamo-nos com uma concepção de heroísmo indelevelmente marcado por uma dimensão ética de matriz cristã, mesmo na abordagem do heroísmo de figuras do

²⁰ “Diurum exempla monumenta quaedam sunt, quae nunquam patiuntur eorum dicta praeterlabi, facta interire, memoriam aboleri. Non moritur, qui honeste uiuit; non decedit, qui egregiis operibus excellit; obliuionis in tenebras non abit, qui singularium clarescit lumine exemplorum. Imo illa, quae ocysime marcescit eloquentia, si incultissimis exemplorum hortulis efflorescat, non perit, sed perennat.” Cfr. MENDOÇA, Francisco, “ORATIO XIII De D. Francisco Xaverio” in *Viridarium Sacrae et profanae eruditionis*, Lugduni, 1630 p 216.

²¹ Remetemos aqui para o nosso estudo “Heroísmo e santidade no tempo das reformas”, *Peninsula*, 1, (2004) 269-276.

mundo pagão,²² por outro, a santidade é interpretada numa clave heróica (de resto, data deste período a entrada da expressão técnica ‘virtude heróica’ nos processos de canonização, concretamente no processo de St.^a Teresa de Ávila).²³

Deste cruzamento decorre que o santo é sempre um herói, e um herói pode muito bem ser um santo, ou por outras palavras: heroísmo significará muitas vezes santidade e santidade significará sempre heroísmo.²⁴

Naturalmente, não podemos deixar de observar este fenómeno em relação com a polémica luterana desencadeada em 1530 que põe em causa o culto dos santos e o seu estatuto de intercessores, ambos arreigados na mais antiga tradição cristã. No momento da cisão religiosa da Europa, em que se multiplicam as discussões teológicas, doutrinárias e disciplinares, a hagiografia será um autêntico aliado da apologética católica, quer na reafirmação da sua própria legitimidade, quer renovando a apresentação de antigos modelos de santidade através de novos textos com novas exigências literárias, críticas e historiográficas, ou ainda representando novos modelos numa interpretação da santidade de acordo com os ideais religiosos promovidos pela reforma católica.²⁵ A figura do santo com o seu *exemplum*, o seu perfil moral e doutrinário, o heroísmo da sua ascese, da sua missão, vai ser o estandarte de um movimento de

²² Por exemplo, as filosofias antigas são muitas vezes interpretadas em termos heróicos. A figura idealizada de Sócrates ou de Séneca, o sábio estóico, informam profundamente a concepção de herói. A interpretação da figura de Eneias é também exemplo da ‘cristianização’ do heroísmo greco-romano.

²³ Até então, a figura do santo destacava-se pela *excellentia uirtutum* e a expressão ‘virtude heróica’ utilizada pela primeira vez em 1602 no pedido de canonização de Teresa de Ávila dirigido a Clemente VIII, encontra-se já consagrada nos procedimentos processuais da reforma consolidada pelo papa Urbano VIII.

²⁴ Um santo é sempre um herói, não só na dimensão moral das suas virtudes mas também na sua acção. Mesmo no ideal de santidade mística de aniquilamento individual diante de Deus, o santo define-se por esse carácter excepcional de superação de um limite ‘negativo’.

²⁵ Para uma breve síntese da evolução histórica da ‘Scienza Agiologica’, como lhe chama Réginald Grégoire, veja-se GRÉGOIRE, Réginald, *Manuale di Agiologia, Introduzione alla Letteratura Agiografica*, Fabriano, 1996, 2ª edição revista e aumentada (1ª ed. 1987) pp 17-41.

promoção da ortodoxia que posteriormente se concretiza no programa do Concílio de Trento.

Com tais objectivos no horizonte, compreende-se o elevado número de poemas épicos hagiográficos, sobretudo na Europa que se mantinha unida a Roma. A formulação épica de uma biografia hagiográfica potenciava extraordinariamente os efeitos pretendidos pela hagiografia e fazia dela um instrumento privilegiado quer de celebração e memória de um facto, quer de edificação do leitor. A forma épica culta, de cunho renascentista, correspondendo às novas tendências literárias, contribuía assim para *delectare* o leitor mais exigente, potenciando desse modo o *mouere*.

Os heróis desta poesia são os santos mais antigos, sobretudo os mártires da igreja primitiva²⁶, período considerado mítico e fundador pelos cristãos, e dos quais já Prudêncio no séc. IV fizera uma formulação épica no conjunto de Hinos em louvor de mártires, o *Peristephanon*.²⁷ Além destes, destacam-se sem dúvida os santos mais recentes, figuras carismáticas da reforma católica e dos novos campos de missão no Novo Mundo e no extremo Oriente. Nesta última categoria distinguem-se naturalmente os mártires em que de modo muito mais evidente se observa aquela interpretação heróica da santidade.

3. Poesia religiosa novilatina

Apesar de abundante, tem sido pouco estudada entre nós a poesia religiosa novilatina. No entanto, inúmeros humanistas, famosos por outras obras suas, compuseram poemas de tema bíblico ou em louvor de santos.²⁸ No seu tempo estes textos foram objecto de grande interesse e

²⁶ Também na poesia dramática hagiográfica os mártires da antiguidade cristã foram tema privilegiado. Vejam-se por exemplo as três tragédias de mártires de Gregorius Holonius representadas por volta do ano de 1550 e que o humanista de Liège foi instado a publicar, o que veio a acontecer em 1556. Cfr. PARENTE, J. A., "Counter-reformation polemic and senecan tragedy: The dramas of Gregorius Holonius (1531?-1594)", *Humanistica Lovaniensia*, 30 (1981) 156-180.

²⁷ PRUDENCIO, Aurelio, *Obras completas*. Edición bilingue por A. Ortega e I. Rodriguez, BAC, 427, Madrid, 1981. Para os quatorze Hinos em louvor dos mártires que constituem o *Peristephanon* ou '(o livro) das Coroas', veja-se as páginas 477-743.

²⁸ Limitemo-nos ao exemplo de Erasmo que compôs o *Carmen heroicum de solemnitate paschali atque de triumphali Christi resurgentis pompa et descensu eius ad*

divulgação, como o comprova a actividade dos grandes centros editoriais europeus.²⁹ Muitos destes poemas foram traduzidos para vernáculo e sucessivamente editados, enriquecidos com gravuras, não só na Europa, mas também nas missões cristãs a Oriente e a Ocidente.

Também nomes ilustres do humanismo português procuraram dignificar pela expressão poética novilatina quer santos antigos com qualquer ligação peculiar à história de Portugal, quer os novos santos, ou ainda os candidatos a tal. André de Resende, Jorge Coelho, Diogo de Teive, o basco José de Anchieta, Manuel Pimenta, Francisco de Macedo, António Figueira Durão, Bartolomeu Pereira são apenas alguns deles.³⁰ O ambiente humanista acolhia com entusiasmo as suas obras como é visível pelas citações que delas encontramos.³¹

inferos. Cfr. *infra*. Para o pequeno poema épico de Erasmo com cerca de 350 versos, cfr. ERASMO, *Erasmii Desiderii Opera Omnia* (in decem tomos distincta) Leiden, 1703, VIII, 579 B-584 B.

²⁹ Cfr. BÉNÉ, Charles. "La Poésie Religieuse Humaniste: Louis de Grenade et Érasme", Sep. *Archives et Bibliothèques de Belgique*, n^o spécial 49, (1995) 99-124.

³⁰ Veja-se por exemplo, além de André de Resende, Figueira Durão e Jorge Coelho de que nos ocuparemos apresentando sumariamente uma obra de cada um: ANCHIETA, José de, *De Beata Virgine Dei Matre Maria, (Poema da Bem-Aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus / Joseph de Anchieta*; originais latinos acompanhados de tradução em verso alexandrino, introdução e anotações ao texto pelo Pe. Armando Cardoso. - São Paulo: Edições Loyola, 1980); TEIVE, Diogo de Teive, "*Hymnorum ad Iesum Christum et ad diuos huiusce regni patronos pro Regis salute et rerum felicissimo statu. Liber secundus*" dos *Epodon siue iambicorum carminum Libri tres*. Lisboa, 1565; Francisco de MACEDO, por seu turno, tem vasta produção poética religiosa editada por António dos REIS e Manuel MONTEIRO, *Corpus Illustrium Poetarum Lusitanorum qui latine scripserunt*, Lisboa, 1748, tomo VII; Manuel PIMENTA tem também um grosso volume de poesia religiosa novilatina, PIMENTA, Emmanuel, *Poematum Liber I*, Coimbra, 1622. Para Bartolomeu Pereira veja-se PEREIRA, Bartolomeu, *Paciecidos: libri duodecim: decantatur clarissimus P. Franciscus Paciecus Lusitanus, Pontlimiensis, è Societate Iesu, Japponiae Provincialis eiusdem Ecclesiae Gubernator, ibique uiuus pro Christi fide lento concrematus anno 1626*. Conimbricæ, Expensis Emmanuëlis de Carvalho 1640.

³¹ Por exemplo, D. frei Amador Arrais que nos seus *Diálogos* cita recorrentemente Prudêncio a propósito dos mártires da antiguidade, quando dispõe de poemas mais recentes sobre os mesmos mártires, não hesita em citar os humanistas seus autores, como acontece quando cita Spagnoli e André de Resende (Cfr. ARRAIS, A., op. cit. p 407 e 446).

Sobretudo a partir de finais do séc. XVI assistimos a um aumento considerável de poemas épicos hagiográficos ou de tema religioso.³² A piedade cristã pós-tridentina vem confirmar e estimular o apreço dos poetas peninsulares pelo tema hagiográfico. Na Espanha, a epopeia de tema religioso conhece no séc. XVII um aumento em relação à poesia lírica. O tema cristológico continua a fornecer motivos, mas o culto dos santos encontra também na poesia épica expressão artística. Na nação vizinha, Santa Teresa de Ávila e Santo Inácio de Loyola foram, naturalmente, como santos nacionais, os mais cantados.³³

Entre nós, S. Vicente, St.^a Isabel—a Rainha Santa—S. Francisco Xavier e St.^o Inácio de Loyola foram também tema de várias composições poéticas de maior ou menor extensão na maior parte das vezes emuladoras de uma épica de modelo marcadamente virgiliano. Virgílio foi sem dúvida o poeta mais imitado na epopeia hagiográfica, eleito como o melhor poeta épico da Antiguidade, considerado por exemplo, por Jerónimo Vida, na sua *Arte Poética* (1527),³⁴ superior a Homero.

³² Referimo-nos sobretudo aos poemas latinos, mas também em vernáculo foram compostos pequenos e grandes poemas de carácter épico, quer em louvor de santos, quer de tema bíblico. Um dos exemplos mais conhecidos é o poema *Os Novíssimos do Homem* de Francisco Child Rolim de Moura, uma epopeia de quatro cantos em que Adão e Cristo são os heróis. Cada canto é um dos 'novíssimos' (Morte, Juízo, Inferno e Paraíso), e o poema é a história do pecado, arrependimento e redenção.

Sobre esta epopeia existe um estudo de LYTLE, Evelyn Pomroy "Os Novíssimos do Homem de Rolim de Moura—Um poema Bíblico da épica portuguesa" *Boletim* n.º 351, 1970, apresentação de Linneu Camargo SCHÜTZER, uma publicação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

³³Cfr. HORNEDO, R. M. "Epica religiosa" in VAQUERO, Q., MARTINEZ, T., E GATELL, *Diccionario de Historia eclesiastica de España*, Madrid, (1972), 791-796.

³⁴ Veja-se a sua tradução para português e a introdução de ESPÍRITO SANTO, Arnaldo, *Arte Poética, Marco Girolamo Vida*, introdução tradução e notas de A. Espírito Santo, Lisboa 1990.

4. Epopeia novilatina e hagiografia em Portugal

Voltemos agora aos humanistas portugueses, e à sua poesia épica hagiográfica. No vasto corpus de poesia novilatina religiosa temos um considerável grupo de poemas épicos que ilustram a variedade e a crescente popularidade do género. Abordaremos aqui alguns deles, exemplificativos dessa variedade. O *De Patientia Christiana*, de Jorge Coelho, o *Vincentius Leuita et Martyr* de André de Resende e o *Ignatiados* de Figueira Durão. Deixamos propositadamente de lado aquela que julgamos ser a maior em dimensão, mas também a mais notável epopeia novilatina hagiográfica em Portugal, a *Paciecidos libri duodecim* do Jesuíta Bartolomeu Pereira.³⁵ Este poema de doze cantos, celebra em cerca de seis mil versos, para além do facto central—o martírio do Beato Francisco Pacheco, Provincial do Japão e de nove companheiros em Nagasaki no ano de 1626—toda a acção da Companhia de Jesus quer na formação e renovação espiritual da velha Europa quer na evangelização das missões, a Ocidente e a Oriente.³⁶

4.1 O *De Patientia Christiana*, de Jorge Coelho, publicado em 1540,³⁷ ilustra o género da epopeia alegórica. Trata-se de um poema breve, de 543 hexâmetros, precedido de uma dedicatória em dístico elegíaco. Este poema foi objecto de estudo e tradução de uma tese de licenciatura em 1974, da autoria de Isaltina Martins, orientada pelo Prof. Américo Costa Ramalho.³⁸

Com uma estrutura narrativa muito simples, o que seria de esperar num poema breve, o *De Patientia* ganha relevo pela unidade e pela varie-

³⁵ Vd *supra* nota 30.

³⁶ Vd. MIRANDA URBANO, Carlota, *Santos e Heróis. A épica hagiográfica novilatina e o poema Paciecidos (1640) de Bratolomeu Pereira SJ*, dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Coimbra, Coimbra, 2004, texto policopiado.

³⁷ *Georgii Coelli Lusitani De Patientia Christiana Liber Vnus Carmine Heroico ad Henricum Infantem Portugaliae Archiepiscopum Bracarensem, apud Ludouicum Rhotorigum typographum, bibliopolamque Regium, anno 1540.*

³⁸ MARTINS, Isaltina, *O Poema 'De Patientia Christiana' de Jorge Coelho*, dissertação de licenciatura apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1974, texto policopiado.

dade de fontes literárias a que Jorge Coelho recorreu sem resvalar na fragmentação do poema.

A acção é muito simples e quase linear. Depois de uma invocação a Jesus Cristo, a ira da *Inuidia* desencadeia a acção. Qual Juno na *Eneida*, também ela se revolve em pensamentos odiosos contra o poder da *Patientia*, e dirige-se à sua morada metamorfoseada num belo efebo para a tentar. Depois de um agôn entre as alegorias da virtude— a *Patientia*— e do vício— a *Inuidia*, a acção desenrola-se no esquema habitual dos *Acta Martyrum*. O diálogo entre *Inuidia* e *Patientia*, elaborado à luz dos papéis do tirano e do mártir, serve a ocasião para uma pequena analepse em que o elemento doutrinário, também característico nos *Acta Martyrum*, contribui para a explicitação do sentido alegórico deste combate. Não falta no poema o lugar-comum da descida aos Infernos pois a *Inuidia*, revoltada com a derrota sofrida, vai queixar-se a Plutão que furioso decreta às Erinias a execução da vingança. Também não falta a cena de súplica, quando a Virgem Santíssima se dirige ao Filho, intercedendo pela jovem *Paciência*, ao que Ele acede, profetizando a sua vitória. A acção regressa ao modelo do relato do martírio, desta vez com maior influência do género da *Passio*, pois o leitor assiste aos tormentos da *Patientia*: o corpo da donzela é arrastado pelos silvados e as suas vestes são rasgadas, cingem a sua cabeça com uma coroa de espinhos e, finalmente, cruxificam-na. Da cruz, a jovem heroína, tal como os mártires dos *Acta* proclama serenamente a sua fé e desafia os poderes infernais a redobrar a sua ira lançando fogo a todo o mundo. Mesmo assim, afirma, alegrar-se-á no meio das chamas. O poema não termina com a morte da heroína mas com a sua apoteose. Quando acaba de falar, rasgam-se os céus e o próprio Pai celeste a abraça, liberta-a da dor e dos tormentos, restitui-lhe todo o vigor e convida-a a entrar no seu reino: *Sponsa ueni, dilecta ueni, mea regna capesse*.³⁹ A *Paciência* recebe o manto de púrpura e a coroa, é aclamada por todos os santos e recebida com alegria pela Mãe de Deus. Depois da glorificação final da heroína, como é usual na poesia épica religiosa, o poeta dirige-lhe a sua prece nos versos finais, pedindo o auxílio nas tentações e nos trabalhos da vida, para que possa no último dia alcançar também ele a glória dos céus.

³⁹ Cfr. v 548. O passo retoma o motivo bíblico do *Cântico dos Cânticos*. Cfr. Cant. 2, 10.

Jorge Coelho não recorre apenas às fontes literárias do classicismo. Para além do recurso à alegoria que retoma um filão tradicional da literatura cristã que vem desde Prudêncio com a *Psycmachia*⁴⁰— o combate da alma— o poeta recorre aos motivos da literatura mística do seu tempo. O *De Patientia* não é apenas uma epopeia alegórica, é também uma epopeia espiritual e mística. É do combate espiritual e das tiradas místicas que se constitui o *genus* épico do poema. Nos seus versos adivinhamos a presença não só do modelo dos *Acta martyrum*, mas também as influências do texto bíblico e dos místicos. Longe da nobre superioridade com que a *Patientia* resiste no combate físico que com ela trava a *Ira* na *Psycmachia* de Prudêncio⁴¹, a heroína de Jorge Coelho encarna o heroísmo místico dos séc. XVI e XVII, quando se propõe sofrer todos os tormentos por amor de Cristo a quem deseja retribuir tudo o que este sofreu por ela. Assim, o sofrimento pelo Amado converte-se em deleite: *Quamque magis crucior, tam me caelestia fassam / Delectant tormenta magis(...)*⁴²; ou *Pro Christo mihi dulce mori*.⁴³

A grandeza, essencial ao carácter épico está no significado amplo da acção que o poema celebra. Travou-se um combate de ascese que o poeta claramente identificou com o martírio do próprio Jesus Cristo, o mártir por excelência, com quem os mártires da História da Igreja se identificam. Recorde-se que a jovem heroína foi assinalada por um martírio igual ao de Jesus, pela cruz, o que é reforçado pelos sinais da coroa de espinhos, e dos cravos.

⁴⁰ Para esta epopeia alegórica de Prudêncio veja-se PRUDENCIO, Aurelio, *Obras completas*. Edición bilingüe por A. Ortega e I. Rodriguez, BAC, 427, Madrid, 1981, pp308-361. Os tipos alegóricos criados por Prudêncio tiveram grande popularidade ao longo da Idade Média e persistiram no Renascimento, não só na literatura, mas também nas artes plásticas. Sobre a recepção de Prudêncio nas artes plásticas veja-se SOUSA, Ana Alexandra Alves de, "Formas de recepção da *Psicomaquia* de Prudêncio", *Humanitas* 50 (1998) 113-125.

⁴¹ Cfr. PRUDENCIO, A., *Obras...* op. cit. pp 318-321, vv 109-177. Caracterizado pelo aparato militar, como todo o poema, o combate entre a *Paciência* e a *Ira* destaca-se dos restantes porque aquela vence sem derramamento de sangue. A sua vitória resulta da sua enorme resistência e tranquilidade que desencadeiam na *Ira*, exausta, a loucura que a leva a matar-se a si própria por não ser capaz de vencer a adversária.

⁴² Cfr. v 137-138.

⁴³ Cfr. v 240.

O *agôn* travado pela *Patientia*, é, afinal, o combate já travado por Jesus Cristo, mas também o combate que o homem tem de travar. De certo modo podemos dizer que estamos perante uma epopeia em devir, pois celebra uma vitória escatológica que já começou mas há-de completar-se em cada homem que enfrenta o mesmo desafio. Neste combate, só com auxílio divino da *Patientia* o homem poderá sair vitorioso, como depreendemos dos versos finais, a prece do poeta.⁴⁴

4.2 Outro exemplar épico hagiográfico, este bem mais conhecido, é o *Vincentius Leuita et Martyr* de André de Resende, publicado em 1545. O poema, dividido em dois cantos, ocupa-se, no primeiro, do martírio de São Vicente († 304), padroeiro de Lisboa e, no segundo, da trasladação das relíquias para aquela cidade. Este poema foi já estudado por Odette Sauvage, por Pina Martins e mais recentemente por Aires Nascimento, pelo que não nos deteremos muito nele.⁴⁵ Valerá aqui a pena, porém, deixar uma nota informativa a demonstrar a riqueza e a variedade da poesia épica hagiográfica dos nossos poetas novilatinos. Num poema marcado pela inspiração na epopeia de matriz clássica, em que os ambientes, as descrições, as imagens ressoam claras reminiscências de Virgílio e de Ovídio, André de Resende celebra a *pietas* e a *fides* deste herói do cristianismo, um mártir dos primeiros séculos da Igreja que a lenda associa a Portugal e a Lisboa. O primeiro livro, que poderia constituir uma unidade independente, celebra em verso épico o que relatam

⁴⁴ O poema termina, com efeito, com uma prece do poeta dirigida à heroína do poema, a gloriosa *Paciência*, para que com a sua ajuda ele vença as 'tartareas fraudes, gemitus, uitaeque labores/ Et scelus inuidiae...'. Cfr. 572-573. A prece ocupa os versos 570-583.

⁴⁵ *Vincentius Leuita et Martyr*. Reproduction en fac-similé de l'édition de Luís Rodrigues, Lisbonne, 1545. Introduction par José V. de PINA MARTINS, Braga, 1981; SAUVAGE, Odette, "Resende, plus humaniste que chrétien? À propos de son poème sur Saint-Vincent, patron de Lisbonne" *Arquivos do Centro Cultural Português*, Paris, (1974) 115-129; NASCIMENTO, Aires, "Aspectos da *pietas* em André de Resende" *Cataldo e André de Resende, Actas do Congresso Internacional do Humanismo Português*, Lisboa, 2002, 257-274. Também José Maria RODRIGUES na obra *Fontes dos Lusíadas*, Coimbra, 1905, analisa este poema de Resende, sobretudo do ponto de vista de quem documenta a afirmação que sustenta, de que aquela obra constitui uma das fontes de Luís de Camões para a composição d'*Os Lusíadas*.

os *Acta Martyrum* a respeito da morte de Vicente e que Prudêncio celebrara já no Hino V do *Peristephanon*.⁴⁶ Nas longas tiradas do confronto verbal com Daciano, em que S. Vicente faz uma profissão de fé e uma súplica de doutrina, André de Resende parece seguir o exemplo de Prudêncio em cujo texto os longos discursos se sucedem dando relevo à oposição radical e inflexível dos dois antagonistas.⁴⁷ Há talvez a notar que a pusilanimidade de S. Vicente, a violência das suas palavras, que encontramos em Prudêncio, se transforma em estóica serenidade no poema de André de Resende. Quanto às metáforas atléticas do combate entre o cristão e o tirano, assim como os coros de anjos que rodeiam o mártir e o recebem, a aparição de Cristo, são lugares comuns da hagiografia martirial.

No Segundo canto, que tal como o primeiro poderia constituir uma unidade, o triunfo de Vicente e a glória da 'verdadeira piedade',⁴⁸ manifestam-se agora nas suas relíquias. O tema hagiográfico de antigas raízes, deliciosamente combinado com os elementos tradicionais e fantásticos da lenda já cristalizados na *Legenda Aurea*, juntamente com a recriação dos tempos primordiais do reino envolvidos numa *aurea mediocritas*, as lutas de reconquista cristã em busca da posse sobre o 'tesouro' das relíquias, transportam o referente do poema para um tempo e espaço míticos, adequados à celebração poética em registo épico.

4.3 Finalmente, o *Ignatiados* de Figueira Durão⁴⁹, epopeia em três cantos, publicado em 1635, não pode deixar de nos surpreender. Este poema que, como indica o título, celebra St. Inácio de Loyola, foi escrito por um rapazinho entre os 13 e os 15 anos de idade. Trata-se, provavel-

⁴⁶ Vd PRUDENCIO, A., *Obras...* op. cit. pp 558-591.

⁴⁷ A propósito da importância deste combate retórico travado entre o mártir e o tirano vejam-se os estudos de ELLIOT, A. G., *Roads to Paradise, Reading the Lives of the Early Saints*, University Press of New England, Hanover and London, 1987 esp. pp 33-41 e "The Power of Discourse: Martyr's Passion and Old French Epic", *Medievalia et Humanistica*, NS, 11, (1982) 39-60.

⁴⁸ "Diuinosque canam uerae pietatis honores." Resende, L. *Vincentius Leuita et martyr*, Lisboa, 1545, A iij.

⁴⁹ DURÃO, António Figueira, *Opera Omnia*, Lisboa, 1635. O poema seria reeditado por António dos Reis REIS, no vol. V do *Corpus Illustrium Poetarum Lusitanorum qui latine scripserunt*, Lisboa, 8 vol.1748.

mente, de um exercício escolar de um aluno do Colégio de St.^o Antão que mais tarde o próprio viria a publicar com outros poemas seus.

Inácio de Loyola fora canonizado havia dez anos (1622) quando Figueira Durão concluiu a composição do *Ignatiados*. Certamente tendo como base de informação a biografia de St.^o Inácio publicada por Ribadeneira, a que mais se vulgarizou, e da qual selecciona apenas alguns 'quadros', Figueira Durão não se limita a descrever diacronicamente em hexâmetro dactílico o percurso do santo num poema narrativo. Antes compõe um poema com unidade de acção e com os recursos épicos consagrados. É o que podemos ver, por exemplo, no tratamento do maravilhoso como desencadeador e garante do progresso da acção, através dos sonhos, das revelações, da intervenção das divindades pagãs ou do próprio Deus, nos motivos bélicos e na descrição do *agôn* dos heróis, no motivo da viagem por mar e da tempestade, nos símiles e nas fórmulas para descrever o nascer do dia e o anoitecer, no recurso à analepse, etc... Em todos estes aspectos reencontramos em simbiose bem sucedida os temas e os recursos virgilianos da *Eneida*, alguns ambientes da *Farsália* de Lucano, mas também d' *Os Lusíadas* de Camões, em convívio com ressonâncias do *corpus* bíblico, em representações marianas do Apocalipse e imagens paulinas.

O paralelo evidente que desde a *propositio* se pretendia estabelecer entre Eneias e Inácio é reforçado ao longo do poema. Ambos são fundadores de uma estirpe e têm uma missão claramente divina. Também Inácio a recebe e a clarifica, não na descida aos Infernos, como Eneias, mas através do sonho no leito em que jazia moribundo. A visão de S. Pedro que em Ribadeneira arrebatava Inácio da morte, transforma-se aqui no motivo clássico do sonho do herói que o leva a empreender a sua missão. Tal como Anquises a seu filho, S. Pedro revela a Inácio o seu destino e missão e desenrola diante dele o cortejo dos heróis seus descendentes espirituais. Estes versos são tão virgilianos que neste cortejo S. Pedro mostra a Inácio o jovem da Companhia que morreu precocemente, Stanislaw Kostka, e celebra-o nos termos em que Virgílio lamenta Marcelo no canto VI da *Eneida*.⁵⁰

⁵⁰ Cfr. I, 387-391 "Vê como chega aquele menino glorioso, de triunfo em triunfo, sobre Juno, sobre Vénus, sobre o próprio Báratro: Os fados deixarão que o mundo o veja, mas não o deixarão viver por muito mais tempo. Forte em demasia vos havia de parecer, ó deuses, a raça humana, se por muito se

Tal como na *Eneida* também no *Ignatiados* há uma deusa que intercede pelo herói junto da suprema divindade e que, neste caso, se aproxima bastante da Vénus d' *Os Lusíadas*. Trata-se de Palas Minerva, a deusa da Sabedoria, que a estirpe de Inácio glorificará. Minerva dirige-se não a Júpiter, como naquele poema, mas directamente a Deus Pai, e é mesmo um instrumento da Sua providência e sua mensageira.

Quando Inácio, consciente da sua missão, decide deixar a sua casa, tal como em Cartago Dido em relação a Eneias, o seu irmão tenta movê-lo da partida,⁵¹ mas com a argumentação do 'Velho do Restelo' d' *Os Lusíadas*.⁵²

O tema da guerra recorda-nos o ambiente da *Iliada*, e as batalhas da *Eneida*, sobretudo na descrição anacrónica do combate individual na guerra em que Inácio caiu ferido, mas também nos preparativos dos guerreiros para o combate e na imagem das cinco cidades de Navarra, fiel citação de Virgílio.⁵³

apropriasse de tais dons." Citamos a nossa tradução. Para outros passos traduzidos e para um estudo mais detalhado veja-se MIRANDA URBANO, Carlota, *Santos e Heróis...* op. cit. pp147-163. Durão cita textualmente Virgílio. Cfr. *Eneida*, VI, 869-871.

⁵¹ Facto referido pela *Autobiografia* I. 12: "[suspeitava o irmão e alguns da casa que ele queria abraçar grande mudança de vida](...) Ao ouvir isso o irmão o conduz a um quarto, e depois a outro, e com muitas admirações começa a rogar-lhe: 'Não se deite a perder; olhe quanta esperança nele deposita toda a gente; quanto pode vir a ser...' e outras expressões semelhantes, todas na intenção de afastá-lo do bom desejo que alimentava. Mas a resposta, sem afastar-se da verdade, foi de maneira que se desembaraçou das insistências do irmão." Cfr. CARDOSO, Armando, *Autobiografia de Inácio de Loyola*, tradução e notas, Edições Loyola, São Paulo, 1987 3ª, p 26.

⁵² Citamos na nossa tradução: "Se vais em busca de riquezas reais e de ouro, os campos da pátria te enriquecerão do metal dourado; se longe, sob outros céus, a ira te manda exercer o ofício das armas, também os céus pátrios inspiram o furor de Marte"; "Regales si diuitias perquiris, et aurum,/ Patria te fulvo ditabunt arva metallo:/ Si procul ignotis Martem exercere sub astris/ Ira iubet, tumidum inspirant patria astra Graduum" Cfr. II,15-19.

⁵³ Cfr. I, 178-180: "São cinco as cidades que batem o ferro nas duras bigornas: A poderosa Estela, a soberba Pamplona, Echalar, Olintes e a ilustre Tudella com suas torres." A citação é quase textual. Eis o texto de Figueira Durão e o de Virgílio: "Quinque adeo ferrum validis incudibus urbes/ Extenuant: Estella

A pequena epopeia do jovem estudante Figueira Durão terá começado por um exercício literário em que o aluno revela o domínio dos modelos clássicos, quer na composição das estruturas narrativas quer na recriação dos ambientes, na caracterização das personagens, na utilização das figuras e dos motivos. No seu resultado, porém, é mais que o simples exercício. Podemos considerá-lo um esboço da epopeia da Companhia de Jesus. O seu herói deixa de ser um herói individual para assumir uma dimensão colectiva, representada simbolicamente em duas figuras: Inácio, a génese e o espírito militante da Companhia, e Xavier, a dimensão missionária da Companhia de Jesus.

Estes são apenas alguns exemplares da poesia épica hagiográfica dos humanistas portugueses dos séc. XVI e XVII. Embora não coubesse a este estudo uma análise detalhada de cada um, nem a enumeração exaustiva de outros de igual ou superior valor, cremos ter pelo menos sensibilizado para o interesse em traduzir e estudar estas e muitas outras composições do género que documentam um importante filão temático da literatura dos séc. XVI e XVII: o 'cruzamento' entre heroísmo e santidade ou de outro modo, entre a figura do herói e do santo. Dominado por um verdadeiro fascínio pelo heroísmo, este período da nossa história ofereceria à literatura a formulação de um novo herói épico cujo 'lugar' de realização pode ser o combate (espiritual), o regresso (a Deus), o sacrifício, a resistência, a ascese, o martírio, ou enfim, a santidade. Por outro lado, ao leitor de hoje, este novo espírito heróico—o mesmo será dizer este novo herói épico—oferece, sem dúvida, uma importante chave de leitura na interpretação que uma época faz de si própria e do seu momento na história.

CAMÕES E FALCÃO DE RESENDE

Apocrifia, anatomia e dogmática

BARBARA SPAGGIARI

Résumé: Au début du XVII^e siècle, Domingos Fernandes cherche à s'imposer comme libraire-éditeur 'officiel' de Camões. C'est dans ce but que, sans se faire trop de scrupules, il organise, ou plutôt assemble, une nouvelle édition des *Rimas* camoniennes, augmentée d'un certain nombre d'inédits qui, à l'époque, circulaient dans les manuscrits des particuliers (*livros de mão*) sous le nom de Luís de Camões. C'est le cas, notamment, du poème allégorique *Microcosmographia*, ou *Da criação, & composição do Homem*. Depuis sa première parution, en 1615, jusqu'au XIX^e siècle, ce poème, en dépit de son apocryphie, a gardé sa place dans l'œuvre camonienne.

En fait, l'auteur de cet ouvrage, écrit entre 1572 et 1578, est André Falcão de Resende, l'un des amis et admirateurs de Camões. Les vicissitudes, souvent assez complexes, qui ont marqué la transmission de ce poème, permettent de retracer une page méconnue dans l'histoire de la réception, à travers les siècles, de l'œuvre camonienne.

O lugar normalmente reservado a André Falcão de Resende (Évora, 1527 – Lisboa, 1599) nas modernas histórias da literatura portuguesa não ultrapassa as poucas linhas, que habitualmente são consagradas aos 'menores'.

Pertencente à nobre família dos Resende, Falcão aparece como o último, e insignificante, herdeiro de uma tradição ilustre, que conta entre os seus membros o pai dele, Jorge de Resende,¹ poeta do *Cancioneiro*

potens, Pamplona superba,/ Echalar, Olites, & turribus alta Tudella" (*Ignatiados*, I 178-180, p397); "Quinque adeo magnae positus incudibus urbes/ tela novant, Atina potens Tiburque superbum/ Ardea Crustumerique et turrigeræ Antemnae" (*Eneida* VII, 629-631).

¹ Autor de trovas e outras composições em medida velha, típicas da produção palaciana « de folgar », Jorge não se destaca do fundo uniforme da poesia cancioneril, antologizada por seu irmão Garcia. Aos seus cuidados deve-